



## MULHERES CIENTISTAS: A JORNADA DA HEROÍNA NA REVISTA PESQUISA FAPESP <sup>1</sup>

Bruna Emy Camargo <sup>2</sup>

Mara Rovida Martini <sup>3</sup>

**RESUMO:** Esta pesquisa teve por objetivo investigar a presença de elementos da Jornada da Heroína nos perfis femininos da *Revista Pesquisa Fapesp*. A partir do uso da estrutura narrativa da Jornada da Heroína como metodologia, nove perfis do periódico publicados em 2017 foram analisados. Como base teórica sobre Jornalismo Literário, foram utilizados autores como Lima, Martinez e Passos e Passos. No que concerne ao Jornalismo Científico, as referências escolhidas neste estudo são Oliveira, Burkett, Rublescki, Bueno, Medina, Cunha e Colombo e Levy. A pesquisa testou a possibilidade de relacionar os gêneros jornalísticos e obteve como um de seus principais resultados a identificação de um aspecto de identidade de gênero ressaltado de forma recorrente na *Revista Pesquisa Fapesp*.

**PALAVRAS-CHAVE:** *Jornalismo Científico. Jornalismo Literário. Perfil. Mulher.*

**ABSTRACT:** The objective of this research was to investigate the presence of the elements of the Heroine Journey structure in the female profiles of *Pesquisa Fapesp* magazine. From the use of the narrative structure of the Heroine Journey as methodology, nine profiles of the journal published in 2017 were analyzed. As the theoretical basis on Literary Journalism, the authors used were Lima, Martinez and Passos and Passos. In what concerns to Scientific Journalism, the chosen references in this study were Oliveira, Burkett, Rublescki, Bueno, Medina, Cunha and Colombo and Levy. The study verified the possibility of relating the journalistic genres and obtained as one of its many results the identification of an aspect of gender identity emphasized recurrently in *Pesquisa Fapesp* magazine.

**KEYWORDS:** *Scientific Journalism. Literary Journalism. Profile. Woman.*

<sup>1</sup> Uma versão reduzida deste artigo foi inscrita no 8º Encontro de Jovens Pesquisadores em Jornalismo (JPJor), organizado pela Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo (SBPJor).

<sup>2</sup> Estudante do curso de Jornalismo da Uniso e integrante do grupo de Narrativas Midiáticas (Nami) do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura da Uniso. E-mail: brunaemy@globo.com.

<sup>3</sup> Orientadora da monografia que originou este trabalho. Docente no Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura da Uniso, doutora em Ciências da Comunicação pela ECA-USP e mestre em Comunicação Social pela Faculdade Cásper Líbero. E-mail: mara.rovida@prof.uniso.br.

## Introdução

Este artigo apresenta os principais resultados da pesquisa desenvolvida para compor a monografia avaliada como trabalho de conclusão do curso de Jornalismo da Universidade de Sorocaba (Uniso), no primeiro semestre de 2018. O objetivo deste estudo foi investigar a presença dos elementos da estrutura da Jornada da Heroína nos perfis femininos da *Revista Pesquisa Fapesp*. Logo, o espaço dado aos elementos do Jornalismo Literário no conteúdo do Jornalismo Científico da publicação poderia ser observado, assim como o enfoque temático nos textos sobre as cientistas mulheres.

O Jornalismo Científico tem como marco de nascimento o século XVII, quando Galileu Galilei relatou a descoberta das três luas de Júpiter com o uso de linguagem coloquial e desencadeou uma grande circulação de cartas sobre trabalhos científicos (OLIVEIRA, 2010). No entanto, o gênero expandiu-se principalmente durante as guerras mundiais, quando os profissionais da imprensa estavam ávidos por noticiar as tecnologias que se desenvolviam. No Brasil, o Jornalismo Científico avançou apenas nas últimas três décadas, com a consolidação da pesquisa científica nacional.

O gênero é o mais eficaz instrumento de popularização das pesquisas e descobertas científicas (COLOMBO; LEVY, 2012), abrangendo temáticas como novas tecnologias, estudos teóricos e aplicação prática de descobertas. A comunicação midiática, no entanto, preocupa-se primordialmente com a chamada mitologia dos resultados (CASCAIS, 2003), pois apenas há uma representação dos produtos, um resumo dos processos que chegam aos resultados e a propagação apenas do que obteve êxito. Já o público busca a narração de aventuras da vida cotidiana, enquanto o Jornalismo Científico caracteriza-se pelo rigor das referências, com objetividade e especialização (MEDINA, 2014).

Assim, o Jornalismo Literário pode ser uma contribuição à ciência, uma vez que prioriza os meios tanto quanto os fins (PASSOS; PASSOS, 2009). Tal gênero é utilizado nas narrativas midiáticas para permitir a união entre a realidade das histórias de vida do jornalismo com as técnicas de escrita aprofundadas da literatura (LIMA, 2014), permitindo a ruptura com os paradigmas característicos da ciência. As principais

características das produções são: humanização, compreensão, universalização temática, estilo próprio, voz autoral simbolismo e responsabilidade ética.

A premissa que motivou esta pesquisa foi identificar a aplicação do Jornalismo Literário nas histórias de vida das cientistas da *Revista Pesquisa Fapesp*. Os elementos presentes na estrutura da Jornada da Heroína (MARTINEZ, 2008), que estipula os passos para um relato biográfico feminino, foram buscados em nove perfis publicados em 2017, ano em que o feminismo ganhou destaque na mídia.

A escolha pelas entrevistas com mulheres na *Revista Pesquisa Fapesp* justifica-se pelo interesse em saber se os elementos do Jornalismo Literário podem ser aplicados como ferramenta no Jornalismo Científico mesmo em espaço limitado e assunto específico, ainda mais tratando de mulheres na ciência, área em que a questão de gênero ainda apresenta distorções.

### **A suposta rigidez do Jornalismo Científico**

Embora a criação de ciência seja uma prática antiga do ser humano, sua capacidade de divulgação é recente. Oliveira (2010: 17) explica que “há fortes indícios de que a divulgação científica teve início com o próprio advento da imprensa de tipos móveis, em meados do século XV”.

Porém, apenas dois séculos depois algo mais próximo ao Jornalismo Científico surgiu, quando o astrônomo Galileu Galilei relatou sua descoberta das três luas de Júpiter em um livro intitulado *Mensageiro Celeste*. Não se tratava apenas de um cientista exibindo resultados; o italiano o fez com linguagem coloquial, clara e objetiva (OLIVEIRA, 2010). Em plena Revolução Científica inglesa, cientistas passaram então a relatar seus trabalhos em cartas.

No século XIX, o Jornalismo Científico havia se expandido por toda a Europa e pelos Estados Unidos. Com o apoio de Thomas A. Edison, “cuja tecnologia e publicidade horrorizavam muitos cientistas ‘puros’” (BURKETT, 1990: 30), a revista *Science*, fundada em 1880, foi um dos periódicos que contribuiu para a popularização do gênero.

O impulso decisivo, no entanto, veio com as grandes guerras mundiais, pois os jornalistas estavam ávidos pelo entendimento das novas tecnologias e buscavam os cientistas como fontes. O primeiro serviço de notícias científicas, *Science Service*, foi criado pelo norte-americano E. W. Scripps, em 1921, no período entreguerras, e existe até hoje.

No Brasil, os primórdios do Jornalismo Científico estão relacionados ao início da imprensa nacional. O pioneiro da prática foi Hipólito da Costa, fundador do *Correio Braziliense* que, no final do século XVIII, produzia “notícias e relatos, especialmente, versando sobre as maravilhas da botânica, da agricultura e sobre as doenças que grassavam o seu tempo” (BUENO, 2009: 115).

O gênero avançou efetivamente no País apenas nas últimas décadas, com a consolidação da pesquisa científica nacional. Segundo Oliveira (2010), o atraso deve-se ao atrelamento da imprensa ao poder oficial desde seu surgimento e à incipiência das pesquisas, que começaram a mostrar força e organizar-se ao fim do século XIX. Cunha (2007: 31) afirma que a ciência entrou na pauta do governo e da sociedade durante o Estado Novo (1937-1944) e, depois, a criação de algumas instituições colaborou para sua melhor divulgação.

Enquanto na divulgação científica os próprios cientistas se encarregam de escrever e falar sobre seus trabalhos, no Jornalismo Científico, os profissionais da comunicação podem popularizar os conhecimentos específicos da área através deste instrumento. O Jornalismo Científico encarrega-se da árdua tarefa de decodificar para a população informações áridas quando se trata do assunto que envolve ciência, sendo que a prioridade dos veículos de comunicação é a de transmitir as informações e até mesmo divulgar conhecimento para saciar o interesse humano, quer ele seja um grupo seletivo ou de massa (COLOMBO; LEVY, 2012: 2).

Para Oliveira (2010: 13), o gênero é de extrema importância por permitir o direito à informação, tópico enunciado pela Organização das Nações Unidas (ONU), e que permite ao grande público a “socialização do conhecimento”, uma vez que, “de uma maneira geral, os escritores de ciência consideram que suas carreiras são construídas ao redor de explicar ou traduzir conhecimento científico para pessoas que podem ou não ser cientistas” (BURKETT: 5).

O Jornalismo Científico enfrenta, atualmente, cinco entraves, segundo Rublescki (2009: 410): “a) o relacionamento entre cientistas e jornalistas; b) o teor e a procedência das matérias sobre C&T; c) o sensacionalismo da imprensa; d) (des) preparo dos jornalistas; e e) a monofonia”. Cascais (2003) acredita ainda que o gênero é feito à base da mitologia dos resultados como efeito discursivo, no qual há representação dos produtos, resumo dos processos aos resultados e isolamento destes últimos.

Uma vez que o Jornalismo Científico tem como característica “o rigor das referências (dados objetivos, informações colhidas, interpretações especializadas)” (MEDINA, 2014: 18), a ruptura de antigos paradigmas enquanto há a emergência de novos mostra-se como possibilidade através da relação “sujeito/sujeito em lugar da relação sujeito/objeto” (MEDINA, 2013: 45).

Tal possibilidade pode ser ofertada através de um gênero jornalístico que priorize as histórias de vida, que traga luz sobre as pessoas que compõem a ação e tudo o que decorre disto. Pode haver a potencialização dos recursos do jornalismo, ultrapassagem dos limites do cotidiano, visualização ampla da realidade, exercício da cidadania, rompimento com as correntes do lead, desvio dos definidores primários e perenidade do produto (PENA, 2006). Para tanto, o Jornalismo Literário aparece como alternativa pertinente.

### **As possibilidades do Jornalismo Literário**

Por fazer uso da escrita, todo jornalismo é literário, acredita Medina (2014: 13), “mas nem toda reportagem vibra na comunhão poética”. O Jornalismo Literário como gênero historicamente definido, no entanto, não se restringe ao uso da veia-literária do profissional nem ignora as técnicas do jornalismo diário. Implica em potencializar os recursos do Jornalismo, ultrapassar os limites dos acontecimentos cotidianos, proporcionar visões amplas da realidade, exercer plenamente a cidadania, romper as correntes burocráticas do lead, evitar os definidores primários e, principalmente, garantir perenidade e profundidade aos relatos.

Não há um consenso sobre as origens do Jornalismo Literário, embora acredite-se que suas inspirações estejam vinculadas aos escritores europeus do século XVII,

como Daniel Defoe (MARTINEZ, 2016). Já no século XIX, “a transição do movimento literário romântico para o realista, que desejava mostrar o ser humano não em sua versão idealizada, mas imerso na vida como ela é, incita os escritores do período a mergulharem no cotidiano” (MARTINEZ, 2016: 31).

Com o jornalismo já consolidado, o gênero ainda ganha força conforme há a popularização dos livros-reportagens, derivados do excedente de informações que escritores guardavam das notícias veiculadas.

O amadurecimento do Jornalismo Literário levou uma nova geração de profissionais dos jornais para as revistas, que permitiam uma narrativa diferenciada. A mais famosa foi a *The New Yorker* que, em 1925, revolucionou a literatura de realidade; cada autor tinha um estilo individual, mas a revista ganhava uma única voz e personalidade. Segundo Martinez (2016: 60), não se sabe como, mas a revista desenvolveu o perfil, no qual as histórias são “centradas em indivíduos”.

Já a segunda metade do século XX popularizou o chamado Novo Jornalismo nos Estados Unidos, originado da “insatisfação de muitos profissionais da imprensa com as regras de objetividade do texto jornalístico” (PENA, 2006: 53). Foi ainda na década de 1960, que o perfil<sup>4</sup> e o Jornalismo Literário chegaram ao Brasil. “Em um grande país em ebulição cultural, temas fascinantes para a leitura social e humana despontam por todas as partes. Pela sua natureza, esses temas pedem uma abordagem narrativa distinta, apropriada” (LIMA, 2014: 68).

Martinez (2016) lista 10 princípios do Jornalismo Literário enumerados por Kramer: exatidão e precisão; contar uma história; humanização; compreensão; universalização temática; estilo próprio e voz autoral; imersão; simbolismo; criatividade; e responsabilidade ética. As características esperadas do gênero frisam uma quebra da ideia de que o texto do Jornalismo Literário é necessariamente floreado; trata-se, na verdade, de uma apuração mais criteriosa com foco no fator humano. Para tanto, recursos estruturais podem ser utilizados.

---

<sup>4</sup> Vilas Boas (2003) define perfil como um gênero jornalístico de natureza autoral, criado através de processos multidimensionais. Caracterizada como uma narrativa de menor extensão que uma biografia, pode relatar a vida de uma pessoa sob determinado enfoque ou situação. A principal função do gênero, segundo o autor, é gerar empatia e humanizar a pessoa e/ou o tema.

## **A Jornada da Heroína como metodologia de análise**

A arte de narrar é antiga, mas as narrativas jornalísticas surgiram efetivamente no século XIX, com formatos de entrevistas e criação de agências de notícias, e desenvolveram-se no século XX, com a convenção do lide e da pirâmide invertida. O Jornalismo Literário é conhecido por oferecer “maior abrangência de recursos para a captação e redação de reportagens” (MARTINEZ, 2008: 19).

Um dos métodos de estruturação narrativa é o da jornada do herói, idealizado pelo mitólogo Joseph Campbell, na década de 1940, tornou-se popular pela adaptação para roteiros de cinema feita pelo cineasta Christopher Vogler, na década de 1980, e foi aplicada ao jornalismo pelo professor Edvaldo Pereira Lima, na década de 1990. A jornada do herói é um processo pelo qual se conta uma história a partir de elementos básicos que não precisam seguir uma ordem linear.

Trata-se de uma história em 17 etapas na qual o herói é “entendido como uma pessoa que, por um determinado motivo – seus feitos, seu valor ou sua magnanimidade –, seja escolhida para ser o protagonista de uma escola de vida” (MARTINEZ, 2008: 42). Segundo Campbell (2005), a divisão estrutural é composta pelas etapas: o chamado da aventura, a recusa do chamado, o auxílio sobrenatural, a passagem pelo primeiro limiar e o ventre da baleia; o caminho de provas, o encontro com a deusa, a mulher como tentação, a sintonia com o pai, a apoteose e a bênção última; e, por fim, a recusa do retorno, a fuga mágica, o resgate com auxílio externo, a passagem pelo limiar do retorno, senhor dos dois mundos e liberdade para viver.

Edvaldo Pereira Lima estudou a jornada do herói no jornalismo. Afinal, uma narrativa humanizada pelo foco no desenvolvimento do protagonista com um relato envolvente seria o ideal, uma vez que “a comunicação social é feita por humanos e para humanos” (MARTINEZ, 2008: 32).

No entanto, quase meio século após a publicação dos estudos de Campbell, uma autora, educadora, psicoterapeuta e fotógrafa percebeu que algo estava faltando: a mulher. A jornada do herói é uma busca pela alma e é narrada em mitologias e contos de fadas em todo o mundo. Este motivo de busca, no entanto, não aborda a jornada arquetípica da heroína, conforme observado por Maureen Murdock, na década de 1990.

Estudiosa do trabalho de Campbell, Murdock chegou a questioná-lo sobre o modelo que considerava falho; ele, por sua vez, respondeu que as mulheres não precisariam fazer a jornada, pois elas sempre estão nos lugares em que os heróis buscam chegar (MURDOCK, 2016). A produção do livro *The Heroine's Journey: Woman's Quest for Wholeness*, em 1990, foi uma resposta ao mitólogo.

Martinez (2008: 139) explica que “Murdock desenvolve sua visão da Jornada da Heroína, que tem como ponto forte a observação de que as mulheres que empreendem a Jornada do Herói nos moldes masculinos saem do desafio com um gosto amargo na boca”. Isto porque as etapas ou momentos da trajetória são diferentes de acordo com o gênero. Os 17 passos de Campbell foram alterados para um modelo cíclico de 10 momentos:

1. *Formação do feminino*. Baseada na mãe ou na pessoa ou pessoas que desempenharem este papel.
2. *Identificação com o masculino e reunião de aliados*: no processo por formar uma identidade, a mulher desvincula-se do modelo da mãe, passando a nortear-se pelo perfil paterno ou de quem desempenhar este papel de Mentor em sua vida.
3. *Caminho das provações, encontrando ogres e dragões*: onde os ogres representam os testes de resistência e, no caso específico feminino, a habilidade em estabelecer limites. Já os dragões representam tradicionalmente a pressão em realizar as demandas sociais. Nesta fase, encontram-se a questão da pseudodependência feminina, o amor romântico – a espera de um homem que solucione miraculosamente todos os problemas – e a problemática da família versus carreira.
4. *Encontrando o boom do sucesso*: o culto da supermulher, próprio dos anos 1980, leva a mulher a não ficar satisfeita ao contemplar tarefas, a impressão de que nunca faz o suficiente.
5. *Despertando os sentimentos da morte espiritual*: etapa de despertar espiritual, na qual a importância do contracheque e a necessidade de aprender a dizer não são permeadas pelo sentimento nostálgico do lar e da vivência em comunidade.
6. *Iniciação e descida à deusa*: os fatores desencadeantes levam a um período de isolamento voluntária, uma espécie de Caverna Profunda feminina, não raro acompanhada de sentimentos de depressão, que se for vivido conscientemente funciona como um tempo transformador de purificação, servindo para fortalecer e clarificar a Jornada.
7. *Apelo urgente para se reconectar com o feminino*: após a vivência da separação, no retorno são enfatizados os aspectos da união do corpo e do espírito, da sexualidade e fertilidade, do feminino enquanto pólo gerador e criador.
8. *Curando a divisão entre mãe e filha*: a Jornada reconduz à mãe, seja física, seja a conexão com a própria Terra.

9. *Curando o masculino ferido*: a mulher de sabedoria pode agora ajudar na cura do homem, ajudando-o a resgatar o coração, ou seja, os valores afetivos.

10. *Integração do masculino e feminino*: o resultado é a integração da natureza dual (grifos no original) (MARTINEZ, 2008: 140-141).

Para se tornar uma guerreira espiritual, a heroína funde o feminino ao masculino em uma integração lenta e sutil. Portanto, a jornada da heroína é impulsionada pela mente em um primeiro momento e pelo coração em um segundo. Murdock (2016) diz que paira o sentimento de opressão sem compreensão da origem da vitimização. A conclusão de Martinez (2008: 264) é que “a mulher que empreende a Jornada da Heroína nos moldes masculinos – ir, ver e vencer no mundo – chega ao final com uma sensação de vitória vazia”.

Esta pesquisa baseou-se então na tentativa de identificação destes 10 momentos da história de vida feminina nos perfis de mulheres cientistas publicados pela *Revista Pesquisa Fapesp* em 2017. Cada trecho de texto corrido e entrevista foram analisados na busca pela estrutura narrativa.

### **As mulheres da *Revista Pesquisa Fapesp***

O objeto desta pesquisa é a *Revista Pesquisa Fapesp*, publicação brasileira mensal editada e mantida pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp). Lançada em outubro de 1999, a revista tem por objetivo básico “difundir e valorizar os resultados da produção científica e tecnológica brasileira, da qual a FAPESP é uma das mais importantes agências de fomento” (FAPESP).

Trata-se da única publicação jornalística do país especializada no segmento de ciência e tecnologia que tem por foco primordial a produção científica nacional, apesar de cobrir pontualmente as novidades internacionais. Por isso, a revista funciona como um polo de contato e reconhecimento contínuo dos pesquisadores brasileiros e como referência indispensável para as editorias de ciência e tecnologia dos veículos de comunicação nacionais (FAPESP). O periódico preocupa-se em fornecer informações relevantes e detalhar os envolvidos, enfatizando nomes de pesquisadores, universidades e agências financiadoras.

O recorte temporal para esta pesquisa na *Revista Pesquisa Fapesp* foi o ano de 2017, em que o feminismo e a representatividade feminina ganharam destaque na mídia com acontecimentos como a *Marcha Mundial das Mulheres* e o *Movimento Me Too*. O dicionário norte-americano *Merriam-Webster* ainda elegeu “feminismo” a palavra do ano (LONGO, 2018). Mas por que falar das mulheres cientistas?

As mulheres sempre fizeram ciência; mas, até pouco tempo, elas eram invisibilizadas no ambiente científico. “As pessoas tendem a pensar que as mulheres tornaram-se cientistas apenas no século XX”, observa Schiebinger (2001: 60). No entanto, a autora revela que, em 1732, a física Laura Bassi foi a segunda mulher a receber um diploma de grau universitário na Europa – tendo ela sido a inventora de diversos aparelhos enquanto criava os 12 filhos.

Depois do século XIX, com o rompimento da velha ordem que implicava na produção artesanal e no privilégio aristocrático, o acesso informal que as mulheres tinham à ciência foi bloqueado. Conforme os reflexos da Revolução Científica mandavam os homens para a academia, as esposas viram a opção de serem cientistas em casa. A mais conhecida talvez seja Marie Curie, que alcançou fama por mérito próprio, apesar de ter ganhado o Prêmio Nobel de Química ao lado do marido Pierre Curie, em 1903.

Apenas ao fim do século XIX a carreira das cientistas foi impulsionada. A primeira conferência sobre mulheres na ciência foi em Paris, em 1894. Durante a Segunda Guerra Mundial, com os homens em campos de batalha, as mulheres puderam fazer progressos acadêmicos; depois, o desespero da corrida espacial norte-americana deu lugar às minorias, inclusive às mulheres.

No entanto, mulheres e homens não fazem a mesma trajetória do ponto de vista das carreiras científicas. O sexo feminino ainda permanece marcado pelo estereótipo do papel dos “cuidados”, vinculado às áreas de educação, saúde e a assistência social. Os homens, seguindo no rastro do papel definido socialmente para o sexo masculino, buscam a aventura do descobrimento dos campos científicos como a engenharia, ciências exatas e da terra e as agrárias (MELO; OLIVEIRA, 2006: 318).

Para Chaves (2015: 6), as mulheres são um grupo excluído “pela lógica do mercado falocêntrico”, assim como têm sua capacidade intelectual subjugada às características secundárias, como padrões estéticos e comportamentais. Apesar do histórico de desigualdades, as mulheres cientistas estão chegando ao conhecimento público por mais meios e com maior frequência.

Seguindo a tendência, em março de 2016, a *Revista Pesquisa Fapesp* criou uma seção em seu site chamada *Mulheres na Ciência*, na qual agrupa a produção própria sobre o tema. Já em 2017, a *Revista Pesquisa Fapesp* apresentou entrevistas com mulheres cientistas em nove das 12 edições do ano. Em um ano de grande destaque do movimento feminista, a observação desse espaço ampliado dado às cientistas motivou os estudos desta pesquisa.

Assim, os nove textos foram selecionados para análise. As revistas de janeiro, abril, maio, junho, julho, agosto, outubro, novembro e dezembro apresentaram entrevistas com as cientistas Lux Boelitz Vidal, Regina Maria Prosperi Meyer, Berenice Bilharinho de Mendonça, Thaisa Storchi Bergmann, Maria Ligia Coelho Prado, Yvonne Primerano Mascarenhas, Ana Maria Giulietti Harley, Marcelle Soares-Santos e Elza Berquó.

## Resultados

Cada um dos nove perfis das cientistas mulheres da *Revista Pesquisa Fapesp* foi analisado de modo a buscar identificar os 10 momentos da Jornada da Heroína (MARTINEZ, 2008) na construção dos textos. Os resultados obtidos estão descritos nos quadros a seguir, produzidos para melhor visualização da relação entre os momentos e os perfis.

**Quadro 1 – Incidência dos momentos da Jornada da Heroína na Revista Pesquisa Fapesp no primeiro semestre de 2017**

	Jan/17	Abr/17	Mai/17	Jun/17	Jul/17
1. Formação do feminino	X			X	
2. Identificação com o feminino e reunião de aliados	X		X	X	
3. Caminho das provações, encontrando ogres e dragões		X		X	
4. Encontrando o boom do sucesso	X	X	X	X	X
5. Despertando os sentimentos da morte espiritual					
6. Iniciação e descida à deusa				X	
7. Apelo urgente para se reconectar com o feminino					
8. Curando a divisão entre mãe e filha	X				
9. Curando o masculino ferido					
10. Integração do masculino e do feminino					

Fonte: Elaboração própria

**Quadro 2 – Incidência dos momentos da Jornada da Heroína na Revista Pesquisa Fapesp no segundo semestre de 2017**

	Ago/17	Out/17	Nov/17	Dez/17
1. Formação do feminino				
2. Identificação com o feminino e reunião de aliados	X			X
3. Caminho das provações, encontrando ogres e dragões		X		X
4. Encontrando o boom do sucesso		X		
5. Despertando os sentimentos da morte espiritual		X		X
6. Iniciação e descida à deusa		X		
7. Apelo urgente para se reconectar com o feminino		X		
8. Curando a divisão entre mãe e filha				
9. Curando o masculino ferido				
10. Integração do masculino e do feminino	X			

Fonte: Elaboração própria

Conforme pode ser observado nos quadros, não são todos os momentos da Jornada da Heroína que estão presentes nos perfis das cientistas mulheres da *Revista*

*Pesquisa Fapesp*. Em nenhum texto a análise identificou a presença dos 10 momentos propostos por Murdock.

O quarto momento, “Encontrando o boom do sucesso”, foi o mais recorrente, presente em sete perfis; já o nono momento, “Curando o masculino ferido”, não esteve em nenhum texto. Os perfis de junho e outubro foram os que mais apresentaram incidência dos momentos da Jornada da Heroína, com cinco cada um. No perfil de novembro, único derivado de uma matéria de capa da revista, nenhum momento da Jornada da Heroína foi identificado.

Durante a análise dos perfis das cientistas mulheres da *Revista Pesquisa Fapesp*, buscava-se identificar não apenas os momentos da Jornada da Heroína, mas também visualizar qual personagem mulher estava sendo apresentada edição após edição.

Para os nove perfis, pontuamos quais perguntas referiam-se à profissão ou à vida pessoal das entrevistadas; na maioria, a primeira opção prevaleceu. A *Revista Pesquisa Fapesp* é uma publicação de divulgação científica e, portanto, entendemos o destaque maior dado ao produto, não ao produtor; ou seja, o enfoque estava nos estudos das cientistas, mesmo quando os questionamentos pendiam para o lado pessoal.

Tais perguntas, em maioria, refletiam o lado cientista das mulheres. Perguntas sobre início da vida acadêmica, surgimento de interesse no tema estudado, bagagem cultural e intelectual acumulada, motivação para continuar, entre outras, estão por todas as entrevistas. São pessoais, pois exigem reflexões das cientistas que não necessariamente precisam do embasamento de suas pesquisas.

Há outras perguntas, porém, apenas pessoais. Casamento e filhos fizeram-se presentes em sete dos nove perfis, fosse na introdução do texto ou na entrevista. A curiosidade pelo casamento e pela maternidade advém da expectativa de que essas mulheres, mesmo sendo cientistas bem-sucedidas, precisam revelar uma ‘família feliz’ para estarem completas. Schiebinger (2001: 182) frisa que “ser cientista, esposa e mãe é uma carga em uma sociedade que espera que as mulheres, mais do que os homens, ponham a família à frente da carreira”.

O fator idade também deve ser pontuado. As entrevistadas têm de 36 a 92 anos, mas a média de idade é de 72 anos; tirando a física Marcelle Soares-Santos (edição

261), mais nova do grupo e única com menos de 60 anos, a média sobe para 76 anos. As mulheres apresentadas na *Revista Pesquisa Fapesp* desbravaram suas áreas de estudo em uma época em que o machismo na ciência era ainda mais forte que atualmente.

O pioneirismo das mulheres em determinadas áreas ou assuntos poderia ser explicado pelas “influências culturais do desenvolvimento humano”, que levariam homens e mulheres a adquirirem interesses diferentes (NOGUEIRA, 2005 apud MOREIRA *et al*, 2010: 7). Independentemente do estudo escolhido pelas cientistas, os autores frisam a importância de dar a oportunidade de escolha livre às mulheres que desejam fazer pesquisa.

### **Considerações finais**

Iniciamos esta pesquisa com a proposta de investigar a presença dos elementos da estrutura da Jornada da Heroína nos perfis femininos da *Revista Pesquisa Fapesp*, objetivo geral que acreditamos ter sido cumprido. A análise de textos de 2017 presentes na publicação identificou a existência de momentos da Jornada da Heroína em oito dos nove perfis de cientistas mulheres, levando à constatação de uma possibilidade em aproximar os Jornalismo Científico e Literário.

Embora as mulheres tenham conquistado e continuem conquistando espaço, os estereótipos devem ser quebrados para que elas tenham a chance de exercer a pesquisa que desejam, serem reconhecidas pelo êxito e servirem de exemplo para quem busca seguir essa carreira.

Esta pesquisa partiu da hipótese de que o Jornalismo Literário pode contribuir com modelos narrativos mais envolventes e, por isso mesmo, mais eficientes no que diz respeito a uma comunicação dialógica (MEDINA, 2014). A sisudez do Jornalismo Científico longe de ser uma premissa inerente ao tema em pauta é resultado de um padrão que pode ser repensado, reexaminado e, conseqüentemente, reformulado. Nesse sentido, chama-se a atenção para uma possibilidade profícua que parece estar, ainda que timidamente, presente nos perfis aqui analisados.

Além da questão mais técnica da produção jornalística, destaca-se a pertinência do debate sobre gênero que permeia o objeto de estudo. As mulheres na ciência, assim

como em outras esferas sociais, vêm conquistando espaço e revelando suas variadas facetas como sujeitos sociais. Nesse sentido, a produção jornalística parece acompanhar, mesmo nos espaços de divulgação científica, as transformações sociais em plena efervescência.

## Referências

BUENO, Wilson da Costa. “Jornalismo científico no Brasil: os desafios de uma longa trajetória”. In: PORTO, Cristiane de Magalhães (org.). **Difusão e cultura científica: alguns recortes** [online]. Salvador: EDUFBA, 2009.

BURKETT, Warren. **Jornalismo Científico: como escrever sobre ciência, medicina e alta tecnologia para os meios de comunicação**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1990.

CASCAIS, António Fernando. “Divulgação Científica: a mitologia dos resultados”. In: SOUSA, Cidoval M.; MARQUES, Nuno P.; SILVEIRA, Tatiana (orgs.). **A comunicação pública da ciência**. Taubaté: Cabral Editora e Livraria Universitária, 2003.

CHAVES, Fabiana Nogueira. “A mídia, a naturalização do machismo e a necessidade da educação em direitos humanos para comunicadores”. In: **XVI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Norte – Intercom**, 14, 2015, Manaus, AM.

COLOMBO, Macri Elaine; LEVY, Denize Piccolotto Carvalho. “Jornalismo científico: divulgação ou disseminação, e sua relação com os cientistas”. In: **8º Interprogramas de Mestrado em Comunicação** – Faculdade Cásper Líbero, 8, 2012, São Paulo, SP.

CUNHA, Cíntia Cerqueira. **Jornalismo Científico: compreensão e produção**. 2007. 96 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Faculdade Cásper Líbero, São Paulo, 2007.

LIMA, Edvaldo Pereira. **Jornalismo Literário para iniciantes**. São Paulo: Edusp, 2014.

LONGO, Ivan. “**Feminismo**” é a palavra do ano de 2017, aponta dicionário norte-americano. Disponível em <https://www.revistaforum.com.br/feminismo-e-palavra-do-ano-de-2017-aponta-dicionario-norte-americano/>. Acesso em 08/03/2018.

MARTINEZ, Monica. **Jornada do Herói: a estrutura narrativa mítica na construção de histórias de vida em jornalismo**. São Paulo: Annablume, 2008.

MEDINA, Cremilda. “Narrativas da Contemporaneidade: epistemologia do diálogo social”. **Tríade: comunicação, cultura e mídia**. Sorocaba, no 4 / Dezembro de 2014, pp. 8-22.

\_\_\_\_\_. “Novas manifestações, velhos paradigmas”. **Matrizes**. São Paulo, no 2 / Julho-Dezembro de 2013, pp. 37-47.

MELO, Hildete Pereira de; OLIVEIRA, André Barbosa. “A produção científica brasileira no feminino”. **Cadernos Pagu**. Campinas, no 27 / Julho-Dezembro de 2006, pp. 301-331.

MURDOCK, Maureen. **Articles: The Heroine’s Journey**. Disponível em <http://www.maureenmurdock.com/articles/articles-the-heroines-journey/>. Acesso em 08/03/2018.

OLIVEIRA, Fabíola de. **Jornalismo Científico**. São Paulo: Contexto, 2010.

PASSOS, Mateus Yuri; PASSOS, Indira Clara. “Jornalismo literário e representações imersivas de ciência”. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, Florianópolis, no 1 / Janeiro-Julho de 2009, pp. 111-126.

PENA, Felipe. **Jornalismo Literário**. São Paulo: Contexto, 2006.

PESQUISA Fapesp. Disponível em <http://revistapesquisa.fapesp.br/>. Acesso em 12/03/2017.

RUBLECKI, Anelise. “Jornalismo Científico: problemas recorrentes e novas perspectivas”. **Ponto de Acesso**, Salvador, no 3 / Dezembro de 2009, pp. 407-427.

SCHIEBINGER, Londa. **O feminismo mudou a ciência?** Bauru: Edusc, 2001.

VILAS BOAS, Sergio. **Perfis: e como escrevê-los**. São Paulo: Summus, 2003.